

VI COTEC EUROPA

Carlos Moreira da Silva
Porto, 7 Outubro de 2010

Senhor Presidente da República de Portugal
Senhor Presidente da República de Itália
Senhor Rei de Espanha
Senhora Comissária da Investigação, Inovação e Ciência
Senhores Presidentes da COTEC Espanha e da COTEC Itália
Minhas senhoras e meus senhores

É uma honra, e um prazer, dirigir-me a V. Exas na sessão de encerramento deste VI Encontro COTEC Europa.

É também um gosto poder fazê-lo nesta Casa da Música, na cidade do Porto, onde, em boa hora, há um ano, em Madrid, o Senhor Presidente da República de Portugal anunciou que o mesmo se realizaria.

A inovação é a nossa causa comum, das três COTEC aqui presentes.

Temos procurado prosseguir-la de forma coordenada desde 2005, na sequência da iniciativa de Sua Majestade o Rei de Espanha – cujo papel pioneiro, e inspirador, a COTEC Portugal nunca se cansará de reconhecer.

Dizer que a inovação é a nossa causa, e que procuramos estimulá-la, e acelerá-la, sobretudo junto das empresas dos nossos três países, é fácil. Mais difícil, como sempre, é fazê-lo:

- identificar as melhores formas de o fazer;
- estabelecer um plano de acção adequado, reunindo os meios necessários;
- implementar esse plano de acção;
- avaliá-lo, e corrigi-lo, em resposta ao confronto entre objectivos claramente definidos, e quantificados, e resultados apurados, também eles de forma quantificada.

Encontros como este, com a presença nesta sala de mais de trezentas e cinquenta pessoas, são grandes momentos de mobilização. São também grandes momentos mediáticos, por força da presença dos três Chefes de Estado, cujo empenho na causa da inovação se reveste de importância decisiva.

Permitam-me que destaque, porque nos diz mais respeito, o empenho, e também o carinho, com que o Senhor Presidente da República de Portugal acompanha, tão de perto, toda a actividade da COTEC Portugal.

Mas um momento de mobilização e de celebração, por mais mediático que seja, tem de ter conteúdo – sem o que não estaríamos à altura das nossas obrigações para com os que nele participam.

Agradeço a Richard Bendis, *Chairman* e CEO do Innovation America e grande amigo da COTEC Portugal, o ter-se disposto a, uma vez mais, atravessar o Atlântico para nos vir dizer o que há de novo na inovação, apoiado na sua enorme experiência.

Os Estados Unidos serão sempre um referencial em matéria de inovação, por várias razões e mais uma: a sua capacidade única para seguir com atenção e apropriar-se do que se faz de melhor noutros países, sejam eles os países nórdicos ou estrelas emergentes como a Coreia do Sul, Singapura ou Israel.

É geralmente reconhecido que uma das características mais positivas do povo português é a abertura, e a humildade, com que fica sempre pronto a aprender com o que de melhor fazem os outros. A par da Espanha, e da Itália, com quem nos relacionamos mais intensamente por força da existência das três COTEC, e também da proximidade física e cultural, Países Nórdicos, Coreia do Sul e Singapura têm constituído referências em muitas das nossas iniciativas.

Agradeço à COTEC Espanha e à COTEC Itália, e aos seus Directores-Gerais, o facto de, juntamente com o Director-Geral da COTEC Portugal, se terem disponibilizado a apresentar a esta audiência o que há de melhor nos três países nos três grandes domínios que têm vindo a estruturar a actividade da COTEC Portugal:

- a valorização do conhecimento gerado nas nossas Universidades;
- a aceleração do crescimento das nossas PME mais inovadoras;
- a adopção de modelos consistentes de gestão da inovação por parte do maior número possível das nossas empresas.

Sem falsa modéstia, julgo que temos vindo a dar os passos certos:

- sensibilizamos e mobilizamos, em grandes momentos como este ou em realizações de menor envergadura;
- aproximamo-nos dos melhores, e procuramos aprender com eles;
- difundimos boas práticas e estimulamos as nossas empresas à realização de exercícios de *benchmarking*, para que possam melhorar;
- desenvolvemos conceitos e metodologias próprias, que julgamos mais adequadas à realidade das nossas empresas (quando tal se justifica) e que procuramos divulgar;
- produzimos material escrito como, por exemplo, Guias de Boas Práticas em múltiplos aspectos do processo de inovação;

- agimos junto do poder político como, recentemente, no que respeita aos sistemas de incentivos à inovação;
- empenhamo-nos em múltiplas actividades do sistema europeu de inovação, seja junto do CEN, seja junto da Comissão Europeia, a quem não desistiremos de procurar demonstrar que é possível, e necessário, alterar as condições de acesso ao 7º Programa Quadro de Investigação e Desenvolvimento, aproximando-as da realidade das pequenas e médias empresas (todas, de todos os países da União, e não apenas das italianas ou da península ibérica);
- envolvemo-nos em linhas de trabalho de vanguarda como a avaliação dos activos intangíveis, a elaboração de contas de exploração da actividade de inovação e o desenvolvimento de metodologias para todos podermos decidir de forma mais criteriosa cada um dos investimentos que fazemos em inovação.

O resultado deste trabalho, nosso e de outras entidades no nosso País, tem sido visível. Portugal tem progredido nos mais diversos *rankings* que se organizam em matéria de inovação. No último European Innovation Scoreboard, publicado já em 2010 e relativo ao ano de 2009, Portugal surge em 17º entre os 33 países considerados, inserido num grupo de países moderadamente inovadores, em que também se encontram incluídas tanto a Espanha como a Itália.

O peso das despesas de I&D no PIB é agora de 1,51%, quando, poucos anos atrás, não chegava a atingir metade deste valor.

As empresas portuguesas investem hoje mais, em I&D, do que o Estado Português, Universidades incluídas, quando, poucos anos atrás, tinham um contributo praticamente irrelevante.

Estamos contentes, consideramos que cumprimos a nossa missão, sentimo-nos realizados, na COTEC Portugal? Sim, e não.

Sim, porque há resultados.

Não, por duas razões.

Não estamos satisfeitos, em primeiro lugar, por dever de ambição. Quem alguma vez se mostrar apenas satisfeito, com um qualquer resultado, por melhor que seja, acabou de iniciar o plano inclinado que conduz ao insucesso, e à frustração.

Mas não é só por dever de ambição que não estamos satisfeitos. Há nos resultados conseguidos por Portugal, nos múltiplos *rankings* em que procura aferir-se o desempenho do nosso País em matéria de inovação, evidência de que nem tudo está bem. É certo que essa “evidência” precisa de ser construída, e divulgada, para o que se torna necessária atitude, e vontade de fazer melhor e nunca chegará a ser identificada pelas atitudes de auto-contentamento medíocre que também imperam, por vezes, neste tipo de situações.

Portugal tem melhorado. Mas a melhoria é muito mais rápida, e mais notória, nas condições que estamos a reunir, e nos meios que estamos a disponibilizar, do que nos resultados que estamos a conseguir.

Portugal acelerou a produção de mestres e doutores, nomeadamente nas áreas das ciências e da engenharia, a um ritmo superior ao de qualquer outro País da União Europeia. É impossível não reconhecer o esforço efectuado pelo Governo Português neste e noutros domínios.

Portugal é um dos países em que a despesa de I&D expressa em percentagem do PIB mais tem crescido, sobretudo no sector privado. Isso garante-nos a posição simpática sempre observada nos quadros “a duas dimensões” em que estas coisas costumam ser representadas: um lugar “no meio do pelotão” no que se refere ao valor absoluto dos indicadores, e bem “à frente do pelotão” na velocidade a que a mudança se vem processando.

Não basta, mesmo assim. Condições, recursos, dinheiro gasto, mesmo quando qualificado de investimento, são apenas um custo. Falta o benefício, em termos de resultados o mais a jusante possível em todas as cadeias de valor:

- crescimento das vendas de produtos novos, a novos clientes e em novos mercados;
- número de novos postos de trabalho criados;
- qualidade e remuneração desses postos de trabalho;
- produtividade da mão de obra;
- intensidade tecnológica das exportações de mercadorias e de serviços;
- resultados na conta de exploração das empresas e na solidez dos seus balanços.

Os mais condescendentes dirão que é uma questão de tempo. Que atrás dos meios, e do dinheiro gasto, os resultados não deixarão de surgir, sendo apenas necessário esperar um pouco mais. Não estamos convencidos disso, e será essa a nossa próxima batalha, na COTEC Portugal – assim os Associados no-la permitam.

É necessário intensificar uma cultura de exigência, de rigor e de qualidade em tudo o que fazemos, a começar pela inovação.

É necessário que a inovação, também ela, seja gerida da forma mais profissionalizada possível: resultados, resultados quantificados, avaliação de resultados, produtividade, vontade de acelerar o passo e disponibilidade para proceder às mudanças necessárias sempre que os resultados não sejam os melhores e os consentidos pelos mais elevados padrões de produtividade – em matéria de inovação, como em tudo na vida.

A todos, em nome da COTEC Portugal e no meu próprio, o meu muito obrigado.